



MOA SIPRIANO

PERFUMADO

m o a s i p r i a n o . c o m

# **PERFUMADO**

Moa Sipriano

Boca do Caixa.

Eu aguardava meu troco, entoando *Classix Nouveaux* em pensamentos desafinados.

Enquanto a sonsa mocinha separava moedas, rodopiei meu olhar a esmo, bocejando em tédio, imaginando o que eu faria para o almoço solitário daquela terça-feira modorrenta.

A primeira reação foi sentir o perfume único. A segunda, óbvio, foi ativar meu radar e vasculhar o ambiente, à procura do portador daquela química surpreendente.

Peguei as notas. Ignorei os dez centavos faltantes. Apanhei as sacolinhas e bati ponto na entrada da nada luminosa mercearia.

Eu simulava conferir a notinha fiscal.

O coração, perfeito idiota, cavalgava adolescente.

Eu nem me importava mais em saber que “modelo” de macho podia cheirar tão bem daquele jeito. Tudo o que eu mais queria era saciar minha curiosidade e, quem sabe, ser merecedor de uma faísca de boa sorte. Sorte para garantir um almoço diferenciado, substancioso e, talvez... inesquecível.

\* \* \*

Ele apontou na reta de entradas.

O homem em tintas e cimento pagou suas latas de cerveja, um pacote de batatas fritas da pior qualidade e um Halls sabor Melancia.

Era um perdido no segundo dia útil da semana, assim como eu.

Perfumado passou por mim em passos arrastados. Ele percebeu a angústia do meu olhar decadente. Dei dois passos adiante, ressabiado.

Sozinhos numa diagonal de dois metros, trocamos o sinal universal da boa fodaria. Eu, submisso, acariciava um dos mamilos rosados por sobre a camiseta branca. Ele, claramente dominador, enfiou uma das mãos no saco azul, a levitar bolas concretas de um sexo prepotente.

Confirmamos sorrisos indiscretos, daquele tipo: “hoje vai ter festa!”.

Perfumado encostou sua virilidade numa das paredes do prédio comercial. Trocamos estrondoso aperto de mãos. Mesclamos as regras do jogo através de olhares contaminados de suave pecado.

“Danilo”, eu disse, rouco.

“Sinivaldo”, ele se apresentou, gélido.

“Tô terminando um serviço de pintura na casa do seu Dorival”, ele continuou, como a se desculpar pelo imprevisto sensual e vestimentas pollocqueadas.

“Você dispõe de quanto tempo de almoço?”, questionei, já me preparando para ouvir um “meia hora, talvez menos”. Emburrei mentalmente, a contragosto.

“Se a foda for boa... eu decido quando voltar ao trabalho”, Perfumado torpedeou, deixando-me prostrado diante dos seus pés em couro gasto e massa corrida.

“Tem lugar... você?”, eu gaguejei, trêmulo e indeciso se podia ou não confiar aquele estranho no labirinto do meu quarto.

“Não tem ninguém na obra. Se você quiser, a gente *brinca* lá mesmo”, afirmou Perfumado, um tanto desconfortável com a reação imediata da sua barra inferior fora de controles.

“Vambora!”, sussurrei, triunfante.

\* \* \*

Caminhamos em silêncio, sem a mínima necessidade de trocar currículos enfadonhos. De pensar que eu ia “fazer” aquele cafunço justamente na casa do pastor mais filho-da-puta do bairro... já me fazia gozar bem antes do tempo preciso.

Gatunos, parados diante do imenso portão da residência roubada dos fiéis, fizemos uma varredura trezentos e sessenta graus nas redondezas, para certificarmos que nenhuma alma da Rua Portela encontraria motivos posteriores a fofocar sobre a nossa luxúria.

Portão travado, chave girada, sacolas estateladas na ardósia, roupas arrancadas em microssegundos, bundas e pintos e pelos e lisos ao vento, iniciamos verdadeiro MMA como preliminar da Boa Pegada.

Perfumado Rexona da Silva me arrastou para os fundilhos de uma betoneira amarela, onde minhas mãos empapadas em cal e desespero agarraram martelos brilhosos, amornados, simétricos.

Disfarçamos uma série de beijos sem amor. Nossos lábios e dentes raspavam o descompasso da nossa sincronia desmiolada. Havia muito desconforto no ar.

Por um instante, Perfumado afastou suas investidas contra meu corpo eufórico. Acredito que por um minuto exato, ele permaneceu em transe, debulhando densas lágrimas e arrastados murmúrios indefinidos.

“Por favor, ME AME!”, ele implorou num urro sofrido, como se fosse o pedido derradeiro de um infeliz prestes a cruzar o Corredor da Morte.

Eu fiquei bem assustado!

“Tudo o que eu preciso é de um beijo com amor. Me perder nos teus pelos, sentindo todo carinho que eu não encontro em casa...”, Perfumado desabou, enquanto ansiava pelo meu abraço ursino.

Desnortado e ao mesmo tempo recomposto, o universo se transmutou ao nosso redor. Meu tesão cedeu lugar para a Compreensão. Mesmo terrivelmente excitado e louco de desejo de consumir o ato físico, fui tomado da mais doce compaixão, trazendo o pintor para o centro do meu conforto, acariciando a suada morenice alheia na fartura da minha pele alva e floresta prateada.

Perfumado minou as lágrimas. Suas mãos passaram a viajar no meu peitoral-mato-atlântico, depois na minha barba bem aparada. Enfim, repousaram sobre minhas coxas parrudas.

Nossas línguas ganharam câibras de tanto que lutavam no interior das nossas bocas caipiras. Esparramados como lagartos a curtir o sol do meio-dia, apreciando as concertinas que adornavam o muro altíssimo daquela fortaleza nada sagrada, ignoramos por completo a necessidade de diálogo, entregando nossas almas ao prazer do bom enlace dos pelos.

Vibrávamos ao escutar o Silêncio.

“Obrigado por não querer apenas... trepar”, pigarreou Perfumado, fora de esquadro.

Não respondi de imediato. Eu apenas trouxe seu corpo para mais perto, certificando que sua ansiedade fora apaziguada.

Abrimos nova rodada de beijos e afagos, variando intensidades, rindo dos nossos calafrios.

“Não quero esquecer você”, segredou Perfumado, esticando o braço para abrir a segunda lata de cerveja.

Com fragmentos da gelada na boca, Perfumado buscou meu sexo, agasalhando-o próximo das cordas vocais. Era confirmada sua virgindade no ato. Não havia beleza prática no engolir, apenas a deliciosa ingenuidade proporcionada pela magnífica descoberta.

Comecei a rir por dentro. Não dele, mas de mim-eu-mesmo. Recordei como foi desastrosa a minha gulosa *premiere*, quando eu tinha catorze para quinze, num santo priminho deveras impaciente.

Permiti que ele me chupasse do seu jeito, na sua *vibe*. O ato de Perfumado podia ser encarado como um agradecimento pelos meus honestos carinhos prestados.

\* \* \*

Lá fui eu entrar na dança. Encarei três bons goles da fraca Bavaria. Relocando corpos e bocas e mastros, divertíamos nossos espíritos num balé meia-nove em deslumbrada cadência.

No final da melodia isenta de sons naturais, só gemidos guturais; entre socadas doloridas salpicamos nossas faces coradas com o sabor perolado da nossa essência divina. Lambemos dedos opostos a sentir nossos aromas calcinados. Quando acordamos para a realidade, estampávamos sorrisos sinceros de cruel satisfação.

Perfumado me roubou mais um beijo, enquanto aprumávamos nossas vestes sociais. Antes de abrir o portão, seu olhar implorava uma frase clichê, traduzida em simultâneo pela minha última atitude sensata:

“Fique tranquilo, Sinivaldo. Pode ter certeza de que hoje... eu amei você”, afirmei, ganhando um selo autocolante de gratidão e respeito, além de sentir esperanças renovadas embebidas num licor almíscar...

*... cuja essência emanava de um perfumado macho carente.*





PROJETO GRÁFICO & EDITORAÇÃO: **Moa Sipriano**

IMAGEM DA CAPA & TIPOGRAFIA: **pixabay.com · dafont.com**

SITE OFICIAL & CONTATO: **moasipriano.com · escritor@moasipriano.com**